

# As mudanças do cenário econômico *Brasil*

A economia brasileira entra em 2000 vacinada contra previsões. O ano de 1999 foi bem diferente daquilo que se via nas bolas de cristal, o que proporcionou, aliás, um grande alívio, pois as previsões não eram boas. Como encarar, então, as projeções para o ano que se inicia, que são moderadamente otimistas?

O primeiro ponto a observar é que a mudança do pessimismo para o otimismo não é a principal diferença em relação ao início de 1999. No ano passado, projetava-se desastre, mas de diferentes tamanhos. As previsões de inflação, por exemplo, variaram de 4,5% até espantosos 85%, considerados os mesmos indicadores. O PIB poderia cair 6% ou crescer 1,5%. O dólar poderia subir até R\$ 3,10 ou cair para R\$ 1,40. O comércio externo poderia dar um superávit de US\$ 15 bilhões ou um déficit de US\$ 2,5 bilhões. O desemprego talvez alcançasse 15% ou ficasse em 7,5%. Ou seja, a crise da desvalorização desnorteou muitos economistas.

Hoje, tanto os economistas quanto o País estão mais equilibrados. Há uma notável convergência nos cenários traçados para 2000: tudo será melhor, mas sem exageros. O País, por exemplo, deve voltar a crescer, com uma expansão do PIB em tor-

no de 3% (previsões variando de 2,5% a 3,5%) contra algo inferior a 1% esperado para 1999. Como a população aumenta 1,3% ao ano, deverá haver um ganho na renda per capita, depois de dois anos de queda.

Quanto à inflação (preços ao consumidor), espera-se uma queda de 2 pontos, dos 9% do ano passado para algo próximo de 7%. É melhor, claro, mas não se deve esquecer que a inflação já é maligna quando passa dos 3% anuais. A taxa básica de juros poderá cair dos 25% acumulados em 1999 para algo em torno dos 17%. Isso daria uma taxa real de juros, descontada a inflação, em torno dos 9% — um enorme avanço em relação à nossa história recente, mas uma taxa ainda muito superior à praticada em outros países emergentes, abaixo dos 5%.

Há, ainda, previsões consensuais: dólar mais ou menos estabilizado, desemprego um pouco menor e superávit no comércio externo na faixa dos US\$ 4 bilhões.

Cenários sempre são probabilidades baseadas em hipóteses. Ainda assim, as previsões

para 2000 parecem bem mais razoáveis que as do ano passado, mesmo porque não há crise à vista, nem externa, nem interna, que provoque sobressaltos ou turve os cenários.

Em 1999, ao contrário do que ocorre agora, todas as variáveis estavam soltas no ar, especialmente as políticas. Depois da desvalorização, feita de maneira desastrada, parecia que o governo Fernando

Henrique estava morto e enterrado junto com o seu Plano Real. Sem política econômica que substituísse o real forte e atrelado ao dólar, com os aliados abandonando o barco governista, gritando “chega de reformas”, o que se poderia esperar, além do pior?

Mas a capacidade de reação do governo mudou radicalmente o cenário. Entrou em cena uma equipe econômica renovada que vendeu bem, aqui e no exterior, a nova política de metas de inflação. E o presidente rearticulou sua base política. Foram mudanças que evitaram o pior e permitiram que se montasse um cenário razoavelmente otimista, mas não à prova de erros, para o ano 2000.

O que pode dar errado? A resposta está, novamente, na política. Um conflito entre Congresso e Executivo, paralisando a agenda de votações das reformas, teria efeito muito pior que a elevação moderada dos juros americanos, de resto já esperada. Pior ainda seria o governo ceder às pressões do ano eleitoral, abrir os cofres e deixar de cumprir as metas de superávit primário nas

contas públicas. Ou, ainda, abandonar as privatizações.

Mas também pode-se errar previsões para melhor. Por exemplo, se a inflação cair em

**Só fatores políticos podem turvar o otimismo do começo do ano**

ritmo mais rápido e os investimentos externos forem mais abundantes. Mas, mesmo nesse caso, os efeitos positivos dependeriam da capacidade do governo de manter o curso das reformas e o equilíbrio fiscal. Só isso pode levar a uma substancial redução do risco Brasil e, pois, a um círculo virtuoso de juros menores, mais investimentos e compras, mais crescimento.

A política continua mandando.